

Atividade industrial nacional no 1º semestre 2020

A produção industrial no Brasil avançou 8,9% em junho de 2020, frente ao mês anterior, segundo mês consecutivo de expansão, nesta base de comparação (+8,2%, em maio). Desta forma, eliminou parte da perda de 26,6% registrada em março e abril, diante da pandemia do Coronavírus. Contudo, em relação a junho de 2019, a atividade da indústria caiu 9,0%, oitavo resultado negativo seguido, nesta comparação. Assim, o setor apresentou recuo tanto no segundo trimestre (-19,4%), quanto no primeiro semestre de 2020 (-10,9%). Na taxa acumulada de 12 meses, terminados em junho, houve queda de 5,6%, frente à igual período anterior. No atual patamar de junho, a indústria se encontra 27,7% abaixo do nível recorde, de maio de 2011. Os dados são da Pesquisa Industrial Mensal (PIM-PF/BR) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A redução de 10,9% na produção industrial do acumulado de janeiro a junho deste ano, em relação a igual período de 2019, repercutiu taxas negativas nas quatro grandes categorias econômicas, em 21 dos 26 ramos, 65 dos 79 grupos e 75,3% dos 805 produtos pesquisados.

Entre as grandes categorias econômicas (Gráfico 1), a redução mais intensa ocorreu nos bens de consumo duráveis (-36,8%), pressionados pela menor fabricação de automóveis (-51,2%) e eletrodomésticos (-13,5%). Em seguida, aparecem os bens de capital (-21,2%) refletindo, em grande parte, a retração nos bens de capital para equipamentos de transporte (-36,3%) e para fins industriais (-16,3%). Com quedas menos acentuadas do que a média nacional (-10,9%), estão os bens de consumo semi e não duráveis (-10,3%) e os bens intermediários (-6,6%). Comparando este primeiro semestre com o de anos anteriores (Gráfico 1), cabe observar que, em geral, o desempenho da indústria se mostrou decrescente ao longo dos anos. Praticamente todas as categorias assinalaram resultados positivos em 2018. Apresentaram retração ou perda de ritmo em 2019. Mas todas registraram índices negativos em 2020.

Em relação às atividades industriais, a produção extrativa foi menos negativa no primeiro semestre de 2020 (-2,8%) em comparação com 2019 (-12,5%). Em sentido oposto, a indústria de transformação passou de +0,3%, no acumulado dos seis primeiros meses de 2019, para -11,9%, em 2020, com 20 de suas 25 atividades registrando redução. Destacaram-se positivamente (Gráfico 2): alimentos (+3,7%); coque, derivados do petróleo e biocombustíveis (+3,7%); sabões, cosméticos e perfumarias (+2,9%); produtos farmoquímicos e farmacêuticos (+2,0%). Dentre as principais influências negativas: veículos automotores, reboques e carrocerias (-43,6%); confecção, vestuário e acessórios (-36,6%); outros equipamentos de transporte (-36,1%); couro, artigos para viagem, calçados (-33,7%); impressão e reprodução de gravações (-31,5%); produtos diversos (-22,9%); têxteis (-22,0%); móveis (-19,0%); máquinas e equipamentos (-16,7%); metalurgia (-15,8%).

Semelhantemente à Pesquisa do IBGE, a Pesquisa Sondagem Industrial da Confederação Nacional da Indústria (CNI) também captou elevação na produção de junho, frente ao mês anterior (52,8 pontos), mas redução no número de empregados (46,9 pontos), embora menos intensa e disseminada do que nos três meses anteriores. A UCI (Utilização da Capacidade Instalada) assinalou crescimento pelo segundo mês consecutivo, e passou de 55% para 62%, de maio para junho. Esta evolução, contudo, não foi suficiente para alcançar o nível de ociosidade pré-crise. Em junho de 2019, a UCI era de 66%, 4 p.p. superior ao atual.

Para os resultados referentes a dados trimestrais, a Sondagem identificou aumento no índice de situação financeira das empresas (de 41,4 para 42,5 pontos, na passagem do primeiro para o segundo trimestre), mas ainda refletindo elevado nível de insatisfação. O índice relativo à satisfação quanto ao lucro operacional diminuiu de 37,2 para 37,0 pontos no mesmo período. O acesso ao crédito passou a ser considerado como ainda mais difícil, no segundo trimestre de 2020 (de 33,8 para 33,1 pontos).

Os principais problemas enfrentados pela indústria, no segundo trimestre, refletiram também as dificuldades consequentes da pandemia de Covid-19. Destacaram-se, a demanda interna insuficiente, a elevada carga tributária, a falta ou alto custo da matéria prima, a taxa de câmbio, e a inadimplência dos clientes, que teve a segunda alta trimestral consecutiva.

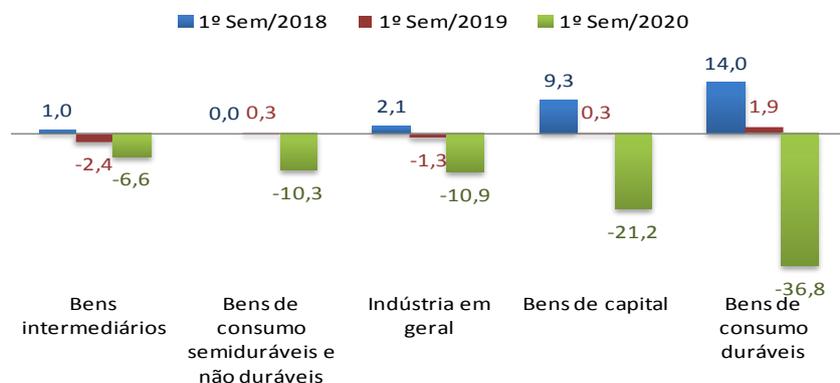
Por seu turno, todos os índices de expectativa passaram a demonstrar otimismo, em julho de 2020, após três meses seguidos de pessimismo: expectativa de demanda (de 48,7 para 56,6 pontos); de quantidade exportada (de 45,8 para 51,1); de compras de matérias-primas (de 46,5 para 54,3), e a de número de empregados (de 45,3 para 50,4).

Contudo, embora com trajetória de crescimento por três meses seguidos, o índice de intenção de investimento segue em baixo patamar. Passou de 41,4 para 46,7 pontos, de junho para julho de 2020, com 2,7 pontos abaixo de sua média histórica, na série iniciada em novembro de 2013.

Para 2020, o Boletim Focus do Banco Central, reduziu a expectativa para a taxa de crescimento da produção industrial, de -7,86% para -7,92%, entre o penúltimo e o último Relatório divulgado no mês de julho.

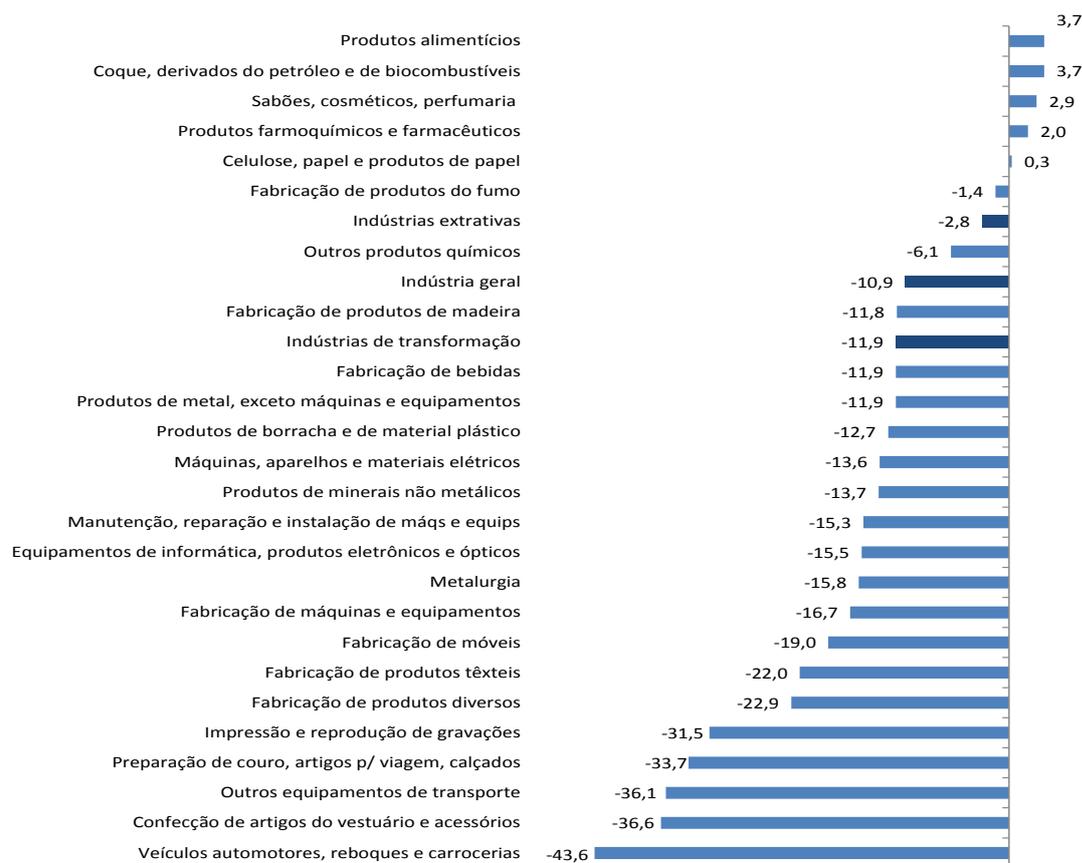
Autora: Liliâne Cordeiro Barroso, Economista, Coordenadora de Estudos e Pesquisas, Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas, Banco do Nordeste/ETENE.

Gráfico 1 - Evolução da taxa de crescimento da produção industrial, por grandes categorias econômicas (%) - Brasil - Variação percentual acumulada nos 1ºs semestres de 2018, 2019 e 2020 (Base: igual período anterior)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE

Gráfico 2 - Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades (%) - Brasil - Acumulado 1º semestre de 2020 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração BNB / ETENE, com dados do IBGE.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE | Economista-Chefe: Luiz Alberto Esteves. Gerente de Ambiente: Tibério Rômulo Romão Bernardo. Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas. Gerente Executivo: Airton Saboya Valente Junior Equipe Técnica: Antônio Ricardo de Norões Vidal, Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão, Laura Lúcia Ramos Freire, Liliane Cordeiro Barroso e Wendell Márcio Araújo Carneiro. Projeto Gráfico: Gustavo Bezerra Carvalho. Revisão Vernacular: Hermano José Pinho. Estagiário: João Marcos Rodrigues da Silva.

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação serão de responsabilidade exclusivamente do usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte.